

Sexualidade e educação: o papel da escola frente a sexualidade do adolescente

Andréia de Souza¹

Giseli Monteiro Gagliotto²

Resumo: O presente artigo é resultado de uma pesquisa de cunho qualitativo e bibliográfico, realizado através de um levantamento de bibliografias já apresentadas em livros, artigos e teses, tendo como objetivo central tratar da importância da escola frente a sexualidade do adolescente que transcorre um momento de grandes mudanças e experimentações. Assim cientes da importância de se trabalhar questões voltadas para a sexualidade do adolescente no contexto escolar, este artigo justifica-se pela relevância em deixar claro o papel da escola diante de assuntos relacionados a sexualidade, uma vez que mesmo que a sociedade, de forma geral, compreenda a importância de se trabalhar questões voltadas para a sexualidade do adolescente no âmbito escolar, bem como entenda a sexualidade como um aspecto importante da condição humana, ela ainda é rodeada de preconceitos e tabus que tendem a deixá-la silenciada.

Palavras-chaves: Sexualidade, adolescência, escola.

Sexuality and education: the role of school front of adolescent sexuality

Abstract: This article is the result of a qualitative and bibliographical research, carried out through a survey of bibliographies already presented in books, articles and theses, with the central objective of dealing with the importance of school in relation to the sexuality of adolescents who are experiencing a moment of great changes, transformations and experiments. Thus, aware of the importance of working on issues related to adolescent sexuality in the school context, this article is justified by the relevance of making clear the school's role in matters related to sexuality, since even if society general understand the importance of working on issues related to adolescent sexuality in the school environment, as well as understanding sexuality as an important aspect of the human condition, it is still surrounded by preconceptions and taboos that tend to leave it silenced.

Keywords: Sexuality, adolescence, school.

Sexualidad y educación: el papel de la escuela frente a la sexualidad adolescente

Resumen: Este artículo es el resultado de una investigación cualitativa y bibliográfica, realizada a través de un levantamiento de bibliografías ya presentadas en libros, artículos y tesis, con el objetivo central de tratar la importancia de la escuela en relación a la sexualidad de los adolescentes que están viviendo un momento de grandes cambios, transformaciones y experimentos. Así, consciente de la importancia de trabajar los temas relacionados con la sexualidad adolescente en el contexto escolar, este artículo se justifica por la pertinencia de dejar claro el papel de la escuela en los temas relacionados con la sexualidad, ya que si bien la sociedad en general comprende la importancia de trabajar los temas relacionado con la sexualidad adolescente en el ámbito escolar, además de entender la sexualidad como un aspecto importante de la condición humana, aún se encuentra rodeada de preconceptos y tabúes que tienden a dejarla silenciada.

Palabras clave: Sexualidad, adolescencia, escuela.

¹ Psicóloga pela Universidade de Pato Branco. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: andreasouza.psicologa@gmail.com

² Professora Associada da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Atua na graduação em Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Educação. Doutora em Educação (2009) pela Universidade Estadual de Campinas. Pós-Doutora em Psicologia. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7990-8115> E-mail: giseligagliotto@gmail.com

Introdução

Quando nos propomos a tratar da sexualidade no contexto escolar nos damos conta do conservadorismo e preconceitos, presentes na sociedade, por vezes atrelado ao grau de compreensão sobre o assunto ser trabalhado no contexto da escola, justamente pelas relações políticas que vivenciamos nos últimos anos e pela própria história da sexualidade.

No entanto, não podemos negar a importância de estudar sobre a sexualidade, pois segundo Figueiró (2009, p.41)

[...] ela é experimentada ou revelada em expectativas, imaginações, anseios, crenças, posturas, valores, atividades práticas, papéis e convivências. Abrange além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura. É uma dimensão do ser humano que abarca gênero, identidade sexual, orientação sexual, erotismo, envolvimento emocional, amor e reprodução.

Assim devemos considerar que falar sobre a sexualidade no contexto escolar é tão importante, quanto falar de qualquer outro assunto, exatamente porque é neste espaço em que os alunos possuem a grande oportunidade de lidar com as diferentes opiniões sobre a temática, socializando conhecimento e promovendo o seu íntegro desenvolvimento, papel que acreditamos compor a responsabilidade da escola diante da sociedade.

Pois acreditamos que a escola como transmissora de conhecimento, deve tratar como fundamental todos os assuntos trazidos pelos alunos neste contexto, inclusive questões ligadas a sexualidade, que desde 1998 são levantados nos documentos utilizados nessas instituições, como os PCNs que apesar de não ser um documento obrigatório e neste momento não estar mais vigente, evidencia que deve-se “criar condições, nas escolas, que permitam aos nossos jovens ter acesso a um conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania” (BRASIL, 1998, p.05).

Desta forma quando levantamos as questões sobre sexualidade é importante ressaltar para compreender, que desde o início da elaboração dos documentos que viriam para auxiliar no planejamento dos professores em suas respectivas disciplinas.

A proposta [...] é que a escola trate da sexualidade como algo fundamental na vida das pessoas, questão ampla e polêmica, marcada pela história, pela cultura e pela evolução social. As crianças e adolescentes trazem noções e emoções sobre sexo, adquiridas em casa, em suas vivências e em suas relações pessoais, além do que recebem pelos meios de comunicação. [...] A escola não substitui nem concorre com a família, mas possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade, sem a imposição de valores. Em nenhuma situação cabe à escola

julgar a educação que cada família oferece a seus filhos. Como um processo de intervenção pedagógica, tem por objetivo transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados, sem invadir a intimidade nem direcionar o comportamento dos alunos (BRASIL, 1998, p.67).

Diante disso, podemos estabelecer a necessidade e o dever que a escola possui de levar a sexualidade como debate para a sala de aula, visto a importância e relevância “em levar para o âmbito escolar os mais variados temas que envolvem a sexualidade” (FIGUEIRÓ, 2009, p. 43).

Dado que um dos objetivos da escola, que acreditamos estar atrelado às suas responsabilidades, é dar cada vez mais oportunidades para os alunos, principalmente quanto à sua subjetividade, ou seja, o que pensam e o que sentem sobre determinados assuntos.

E a escola como uma instituição que auxilia no desenvolvimento educacional de crianças, adolescentes e jovens, possui facilitadores, que neste processo, assim como em tantos outros se fazem essenciais para discutir a temática através de socializações que tendem a dar segurança e apoio para os alunos que acabam não tendo acesso a determinados assuntos como a sexualidade no braço de sua família.

Pois como Figueiró (2009) aponta “a comunidade escolar, tem de tratar desse assunto para não deixar os jovens na dependência de fontes informais” (p. 53). No entanto é necessário que os professores tragam esses assuntos ao contexto da escola, para que as crianças, adolescentes e jovens não fiquem refém de informações que podem não lhes ajudar de forma integral a lidar com suas escolhas, dúvidas e preconceitos.

Pois, ao debater sobre sexualidade, estamos nos referindo ao processo de interação humana, que nos leva a diálogos que ativam o ser humano a ter e expressar suas opiniões, percebendo a sexualidade de forma positiva, sem medos, tabus e preconceitos.

E compreendemos que a escola contribui significativamente com a construção da identidade e da individualidade de cada ser humano em todo o seu processo de desenvolvimento que não começa na adolescência e sim no início da existência de cada ser humano que precisa lidar com a sexualidade e reconhecê-la em sua existência, mesmo que ela apareça em um meio conflituoso.

Materiais e métodos

Para este artigo foi realizado uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, realizando buscas sobre a questão aqui determinada em materiais já existentes como livros e artigos, bem

como em plataformas digitais como a SCIELO e BTDS (Biblioteca de Teses e Dissertações), com o intuito de buscar informações científicas sobre a importância de a sexualidade ser trabalhada no contexto da escola.

Optamos pela pesquisa qualitativa exatamente porque nesta perspectiva, é possível que o investigador “explore toda a riqueza que envolve o objeto estudado” (ROZA, p. 44 2017). Ou seja, é possível a partir dela ter resultados aprofundados sobre o que desejamos pesquisar e conhecer.

Análise de dados

Para a análise de dados desta pesquisa, utilizamos a análise de conteúdo de Bardin, muito utilizado em pesquisas qualitativas; mas o que é análise de conteúdo? Um conjunto de instrumentos metodológicos que irá nos auxiliar a organizar e manter de forma disciplinada, todas as etapas que precisarão ser seguidas na análise da pesquisa, das quais de acordo com análise de conteúdo de Bardin, se darão em três polos cronológicos.

1) Pré-análise, uma fase reconhecida como a fase de organização, que se ordena em três missões, a escolha dos documentos que serão utilizados na análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e elaboração de indicadores que irão fundamentar a interpretação final. Bem como, é ainda nesta fase que, se dará a leitura flutuante, que consiste em um primeiro contato com os documentos que serão utilizados durante a análise.

2) Exploração do material, que se trata da fase de codificação, onde será determinado o que o pesquisador irá analisar (unidade de registro) e separar o que será analisado para entender o contexto (unidade de contexto).

3) Tratamento do resultado obtido e interpretação, onde irá ocorrer a síntese do agrupamento de tudo o que foi analisado durante o processo de pesquisa, ou seja, esta é a fase em que os resultados serão tratados (BARDIN, 2016, p 63-67).

Visto que, esta técnica de análise proporciona um trabalho muito mais aprofundado, nos possibilitando a construção de um conhecimento seguro com bases teóricas adequadas. Uma vez que a análise de conteúdo de Bardin, nos conduz para a sistematização dos dados, que nos permitem uma interpretação dos resultados de forma muito mais ampla e clara.

Resultados e discussão

Adolescência e suas manifestações

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), 2017, adolescentes são os sujeitos que possuem entre doze e dezoito anos de idade. E para aqui discutir, consideramos que a adolescência é um dos é um período muito importante para o desenvolvimento do ser humano, marcado pelo grande desenvolvimento do corpo. Pois é neste período evolutivo que muitas transformações começam a ocorrer.

Assim consideramos que nesta idade, junto com as transformações psicológicas e biológicas, começam as preocupações, curiosidades, dúvidas, questionamentos e um preparo especial para a vida adulta, pois esta é a transição mais próxima do ser adulto.

Le Breton (2017, p. 22) destaca que “a adolescência é para nossas sociedades um período mais ou menos longo entre infância e maturação social, um período de formação escolar e profissional”. Visto que, neste momento não ocorrem apenas transformações corporais, mas também psicológicas e sociais na vida do sujeito, pelas mudanças nos papéis sociais, entrada no mundo do trabalho para alguns adolescentes e relacionamentos mais intensificados.

Menin (2017, p.38) destaca que:

As mudanças na Adolescência envolvem sentimentos, comportamentos, gostos, atitudes e valores morais, sociais e religiosos que permeiam sua vida. O indivíduo é constituído por experiências vividas, as quais lhe forma um ser único, com suas especificidades [...].

Entretanto, a adolescência apresenta muitas mudanças que refletem em seus comportamentos e o(a) deixam confusos(as), diante de tantas modificações, exatamente porque, corroborando com Menin (2017, p. 39) “o adolescente visualiza que está perdendo o corpo e o jeito de ser criança”. “Visto que a “adolescência” constituiu-se como a fase cronológica do desenvolvimento humano durante a qual o “processo de maturação” iria se iniciar e se concluir” (CÉSAR, 1998, p. 23).

Desta forma corroboramos com Le Breton (2017, p.87) quando explica que

Nas nossas sociedades, a adolescência é o tempo necessário á domesticação de um corpo que muda, um pensamento renovado sobre o mundo, uma abertura ao outro,

uma aprendizagem aos dados essenciais pelo fato de ser homem ou uma mulher, uma crescente autonomia de movimento, uma descoberta da sexualidade. Esse período vai das transformações da puberdade à entrada na vida, ele traduz uma lenta transformação do sentimento de identidade através das experimentações do jovem. [...] Ele não é bem uma criança, nem ainda um homem ou uma mulher para se interrogar sobre isso. A adolescência é um tempo progressivo do amadurecimento, da construção dos alicerces de um sentimento de identidade mais elaborado. [...] É um tempo pleno da existência [...].

Diante disso, reconhecemos que a adolescência é um renascimento para um mundo diferente daquilo que o adolescente estava habituado, pois a adolescência é a fase em que a necessidade de mudar é constantemente imposta e o processo propõe voltar-se para si e apropriar-se de si, processo este, difícil e que pode acabar gerando grandes frustrações e decepções ao sujeito, no ato de assumir responsabilidades, que anteriormente eram assumidas pelos pais.

Pois como muito bem apontado por Aberastury & Knobel (1981, p.13)

Entrar no mundo dos adultos – desejado e temido – significa para o adolescente a perda definitiva de sua condição de criança. É o momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento que começou com o nascimento.

Nesta concepção, uma longa fase de maturidade se estende e os adolescentes começam a perceber suas diferenças, sobretudo sexuais, pelas mudanças que ocorrem em seus corpos, pois como apresentam Aberastury & Knobel (1981, p.31) este é o momento em que ocorrem mudanças físicas em três níveis

[...] um primeiro nível, onde a ativação dos hormônios gonadotróficos da hipófise anterior produz o estímulo fisiológico necessário para a modificação sexual que ocorre neste período da vida. No segundo nível temos as consequências imediatas da secreção da gonadotrofina hipofisária e do prosseguimento da secreção do hormônio de crescimento da mesma hipófise: a produção de óvulos e espermatozoides maduros e também o aumento da secreção de hormônios adrenocorticais como resultado da estimulação do hormônio adrenocorticotrófico. No terceiro nível se encontra o desenvolvimento das características sexuais primárias (com o aumento do pênis, dos testículos, ou do útero e da vagina) e o desenvolvimento das características sexuais secundárias (como o amadurecimento dos seios, as modificações fisiológicas em geral e das mudanças de voz), aos quais devemos acrescentar as modificações fisiológicas em geral e das mudanças de tamanho, peso e proporção do corpo que acontecem neste período vital.

No entanto no terceiro nível é o momento em que ocorrem as mudanças mais visíveis externamente e também momento, em que o contato genital acaba ocorrendo com fim exploratório, isso porque o adolescente precisa conhecer a si mesmo.

Assim, conforme salientam Aberastury & Knobel (1981) quando o adolescente vai aceitando a si mesmo, a sua genitalidade, vai buscando também contato com o outro, que agora lhe chama a atenção, iniciando suas experiências sexuais.

O que vem de acordo com o que Farias et.al (2015) destacam, este é o momento em que “[...] o adolescente começa a aprender a amar outras pessoas, e esse amor não é apenas de forma pessoal ou de maneira egoísta. Na adolescência aparecem às primeiras manifestações de atração sexual a outras pessoas [...]” (p.11).

Deste modo ocorre o despertar da sexualidade, as primeiras atrações sexuais, o(a) primeiro(a) namorado(a). “E o que antes era dirigido para a mãe, ou o pai, agora passa a ser parcialmente dirigido a outras pessoas, e o adolescente também tem de ser objeto de amor de outra pessoa” (NUNES & SILVA, 2001, p. 82).

Pois como bem esclarece Freud (2016) “o instinto sexual, [...] encontra agora um objeto sexual” (p.121). Portanto, este é o período em que se considera importantíssimo falar sobre a sexualidade, bem como compreender o adolescente, que em meio a tantas transformações, muitas vezes se vê perdido sem saber o que fazer.

Ribeiro (1992, p.49) inclusive nos traz algumas indagações importantes:

O que fazer? O que dizer a esses jovens que estão em conflito? O que precisaríamos é de um espaço, onde esses jovens pudessem se colocar discutindo e refletindo sobre a própria vida, que vai muito mais além de uma preferência por esses ou aquele sexo. Nesse momento, uma pessoa que o escute sem impor os seus próprios valores de “certo” e “errado”, pode auxiliá-lo, e muito.

Para tanto, apesar da sociedade compreender que a sexualidade é um aspecto importante da condição humana, por vezes é deixada para trás por persistir como um tabu.

Mas como bem cita Brilhante e Catrib (2011, p.02):

A sociedade moderna está ciente da importância de abordar as questões da sexualidade, principalmente na adolescência. Nesse período, ocorre uma grande quantidade de mudanças físicas e psicológicas. Nesse sentido, o adolescente necessita receber informações acerca da anatomia, fisiologia, contracepção e prevenção de doenças.

Assim consideramos que este é o momento em que devemos ajudar os adolescentes para que se formem cidadãos autônomos e responsáveis, diante da sua vida e da vida de outras pessoas. Visto que é neste período em que, identificações, significações e desejos, ganham novo sentido e o adolescente precisa vivenciar novos aprendizados, para lidar com seu novo corpo e as suas novas formas de vivenciar a sexualidade.

Sexualidade no contexto escolar

Sabemos que nem sempre a família é porta de entrada para alguns caminhos, inclusive sobre questões voltadas para a sexualidade em que muitos pais sentem vergonha e até mesmo medo pelos questionamentos que possam vir a surgir, quando necessitam falar sobre sexualidade com seus filhos.

Pois segundo pesquisa realizada pela DataFolha em 1994, 48% dos pais com filhos em idade escolar nunca ou raramente conversaram sobre sexo, segundo seus filhos, pois os pais justificaram preferir "livrar-se" desta tarefa, que consideram "constrangedora". (1994, caderno 6, p.3; apud Banzato e Grant; 2000).

Nessa concepção compreende-se ainda mais a necessidade da temática ser trabalhada no contexto da escola, visto que de acordo com Santos et.al (2018, p.02)

É nesse momento que a escola apresenta um papel relevante no esclarecimento de dúvidas e pode auxiliar na busca de orientação e conhecimento. A execução de um trabalho em educação sexual dentro da escola torna-se, portanto, estimulador e promotor de saúde dos adolescentes no sentido do desenvolvimento responsável de sua sexualidade, ajudando-os a discernir atitudes e conceitos.

Isso porque, mesmo que os adolescentes já possuam uma base de informações, mais ligados a sexo do que de fato a sexualidade em sua complexidade, advindas do contexto social que estão inseridos, é necessário que a escola abra espaços para discussões sobre a sexualidade, com o objetivo de que os alunos possam refletir, tirar suas dúvidas e expressar-se sobre o assunto. “É muito bom que os alunos possam falar com liberdade na sala de aula e oportunizar que o assunto seja conversado, como qualquer outro” (Figueiró, 2009, p.82).

Pois, é necessário educar os alunos a serem cada vez mais responsáveis pelas suas escolhas. Figueiró (2009) nos mostra que o papel do professor, bem como da escola é educar os alunos com responsabilidade e liberdade; ou seja que se tornem capazes de se responsabilizar pelas suas escolhas e possuam a capacidade de se expressar de acordo com seus desejos.

Adolescentes e jovens são pessoas livres e autônomas, que têm direito a receber educação sexual e reprodutiva e a ter acesso às ações e serviços de saúde que os auxiliem a lidar com a sexualidade de forma positiva e responsável e os incentive a adotar comportamentos de prevenção e de cuidado pessoal (BRASIL, 2013, p. 64).

Assim sendo, ter acesso a essa educação, tende a promover comportamentos saudáveis nos indivíduos e não o contrário, pois conhecer a si mesmo e suas limitações, faz parte de uma sexualidade saudável, podendo diminuir a probabilidade de comportamentos que o comprometam para uma vida toda.

A adolescência como momento de transformação é um período em que o sujeito se questiona e questiona o mundo, bem como vive severas crises de identidade, buscando identificações dentro e fora do lar. Sendo estas as respostas para a necessidade de uma orientação responsável na escola, instituição esta que possui o dever de orientar e desenvolver seus alunos.

Visto que se há crises de identidade e desconhecimentos sobre questões ligadas a sexualidade, há também uma falha de saber que faz o adolescente, através de comportamentos por vezes agressivos, expressar seus sentimentos de angústia e desequilíbrio emocional, pela difícil tarefa de encontrar-se em si mesmo. Isso porque a adolescência é muito mais do que uma travessia de aparência que se resume em questões biológicas.

Menin (2017, p.125) muito bem coloca

É preciso falar sobre sexualidade com o adolescente, deixá-lo esclarecido sobre os momentos de inquietações que vivem na adolescência, bem como de que não precisa fazer o que os outros querem ou cobram, pois cada um tem seu tempo para as descobertas [...].

Mas sabemos que muitas vezes os professores, pais, dentre outras pessoas que se envolvem no desenvolvimento do adolescente e que se dispõem a falar sobre a sexualidade, acabam deixando para trás aspectos cruciais deste assunto. Entretanto este é o momento de passar segurança e confiança para o adolescente lhe proporcionando educação e limites, pois educar o adolescente é lhe proporcionar uma educação consciente, transversal (MENIN, 2017). Fazendo com que se tornem sujeitos ativos diante de sua sexualidade, pois na adolescência, muitos aspectos contribuem para a expressão da sexualidade, tais como a mudança e conhecimento do corpo, desejo pelo outro, curiosidade e interesse no assunto sexualidade e diversas outras formas de expressões.

Pois como colaboram Guerritano e Sadala (2010, p.61)

A adolescência, por sua própria estrutura, é uma vivência da insuficiência, onde o vazio, a castração e o não sentido tornam-se ameaçadores frente às incertezas, rupturas e lutos que necessita viver. Na busca de um novo saber, deverá abandonar

sua posição infantil em direção à posição subjetiva de adulto. Neste espaço entre dois mundos, o adolescente caminha, fatalmente com tropeços, saindo em busca de uma nova verdade.

E é nesta busca por uma nova verdade que o outro deve lhe oferecer orientações do caminho a se seguir, para adentrar no mundo adulto. Pois o adolescente como pessoa de direito deve ter a liberdade de se conhecer e de maneira ampla conhecer a sua sexualidade e as relações que a envolvem.

Pois, sabemos que diante dos direitos e deveres propostos para a sociedade de maneira geral, quando se trata de sexualidade, que é necessário assegurar aos adolescentes o conhecimento necessário para que possa iniciar sua vida sexual.

Diante disso, Figueiró (2013, p.193) muito bem menciona:

A educação sexual deve formar pessoas autônomas, tanto moral, quanto intelectual. Ao mesmo tempo que orientamos para que pensem e decidam com seriedade qual o melhor momento para iniciar sua vida sexual, devemos ajudá-los a entender que, muito antes de se preocuparem em fazer sexo, devem investir em aprender a se expressar sexualmente, por meio de atitudes afetivo-eróticas, Isso significa aprender a dar e receber carícias, a dar e receber afeto; aprender a “curtir” a alegria e o prazer nos pequenos atos eróticos, tais como: tocar; pegar na mão; abraçar; beijar; afagar os cabelos; olhos nos olhos etc.

Assim consideramos que a educação sexual deve ser libertadora e não repressora, para que seja vivenciada com o objetivo de superar os muros que cercam a sexualidade. Contribuindo para uma educação sexual emancipatória, a qual defendemos e que vai para além dos modelos padrões propostos pelas escolas e mantidos até os dias atuais.

Pois como Gagliotto (2014) defende, educar para a sexualidade dentro dos limites institucionais impostos, impede a possibilidade da educação sexual emancipatória se tornar realidade, uma vez que este modelo visa uma educação plena, consciente e responsável.

Contribuindo assim para possibilidades de diálogo e oportunidades para que crianças, adolescentes e jovens sejam ativos em seu processo educativo, pois como Menin (2017, p.115) destaca “Esta forma de educar pressupõe que os adolescentes possam expor as informações adquiridas, [...] para que os professores discutam interagindo e construindo conhecimento com todos os envolvidos”

Para que assim os adolescentes possam aprender e conduzir o respeito consigo mesmo e com os outros, bem como refletir sobre suas escolhas e possibilidades frente a uma sexualidade atravessada por diversas transformações.

Entretanto este é um dos momentos considerados importantes para falar sobre a sexualidade de maneira ampla, com sensibilidade e humanidade, pois partilhar deste conhecimento exige disposição, dedicação e muito aprendizado. Mas vale ressaltar aqui, que este assunto não deve iniciar e terminar na adolescência, pois por sermos seres humanos que vivem em constante mudanças o processo da educação sexual deve estar presente e prosseguir ao longo da vida humana. Isso porque dia a dia estamos remodelando nossa visão de tudo que é relativo sobre a sexualidade (FIGUEIRÓ, 2013, p.39).

O mestre da adolescência

Quem é o professor no contexto da escola? uma boa pergunta para iniciarmos a discussão sobre a importância dos professores no processo de ensino aprendizagem dos alunos e os grandes desafios que estes possuem na relação com os adolescentes. Miranda (2001) destaca que professor (*do latim professore*) é aquele que ensina uma ciência, uma arte, uma técnica; mestre (p.81).

No entanto, a partir destas significações da palavra professor, muitos compreendem que ser professor consiste em ser um sujeito que detêm de todo o saber do mundo, que ele tudo sabe e terá respostas para todas as perguntas. Pois conforme salienta Miranda (2001) “a ideia é que muitas vezes os professores têm de ser Deus [...] de que é necessário arcar com tudo, responder por tudo e dar soluções a tudo [...] A pessoa tudo pode, tudo vê e a todos protege (p.93).

Isso porque o ser humano possui desejos e nestes desejos estão incluídos a eterna necessidade de alguém que lhe auxilie, lhe guie e de maneira geral lhe eduque. O que vem de acordo com o que Pereira (2008) descreve quando destaca que “o ser humano tem a necessidade de educadores, para nutri-lo, amá-lo, orientá-lo ou guiá-lo permanentemente, pois somos pela própria natureza mal-acabados e incompletos” (p.96).

Entretanto sabemos que, quando nos referimos a figura do professor diante dos alunos adolescentes, por mais que necessitem de alguém para lhes auxiliar; tendem alguns alunos a não serem muito receptivos com os professores, que precisam encontrar estratégias para estabelecer uma boa relação com os alunos, que por vezes podem trazer muitos desafios para a sala de aula.

Assim ressaltamos que, educar já não é uma tarefa fácil e educar alunos que estão em um processo de transição se torna ainda mais difícil, isso porque as questões conflituosas que perpassam a fase da adolescência podem interferir significativamente a relação aluno e professor, tal como o processo de aprendizagem dos alunos.

Uma vez que o impacto da adolescência na educação é significativo, pois apesar de ser um fenômeno natural, cada sujeito vivência esta etapa da vida de uma maneira, em razão de que cada

adolescente possui uma história e experiências vivenciadas até então. E este momento em que os adolescentes estão em plena transformação e formação de seus valores, enfrentando medos e angústias é natural que eles desafiem a todos a sua volta (BORGES, 2013).

Assim compartilhamos com o que Gutierrez (2003, p.18) retrata:

O mestre do adolescente por sua vez, fica numa posição delicada, pois por um lado pode ser tomado como alguém capaz de contribuir com a passagem do adolescente, e por outro é provavelmente equivalente, na transferência, as figuras parentais (mundo adulto), com quem a relação é frequentemente pautada em desconfiança e afastamento. E [...] ensinar àquele que, muitas vezes, quer se afastar... Eis uma grande dificuldade encontrada pelo mestre de adolescentes [...].

No entanto para que a educação em sala de aula seja eficaz, os mestres precisam despertar interesse nos alunos que ali estão, diante dos conteúdos que são considerados pertinentes para seu pleno desenvolvimento, visto que conforme Gutierrez (2003, p.17) relata, neste período

Há um desinteresse dos adolescentes pelo conteúdo formal e uma postura de desafio e questionamento em relação a palavra do mestre, isso quando não o ignoram completamente. Conversam demais e só pensam em namorar, frequentando a escola como a finalidade principal de encontrar seus pares e grupos.

Deste modo, o mestre precisa ultrapassar a mera transmissão de conhecimento que contempla o espaço da escola, permitindo que os alunos vislumbrem além da vida escolar, ou seja além dos conteúdos formais que estão descritos nos documentos legais que norteiam a educação básica.

E a partir disso, possam os mestres também construir relacionamentos de segurança e confiança para com os seus alunos; visto que, estes tendem a buscar na escola além de informações, conhecimentos, socialização e alguém que os escute. Uma vez que, como citado por Pereira (2008) “um mestre que escuta, que deixa falar, permite a cada sujeito ter acesso a uma “fala verdadeira” (p.119).

Ou seja, o professor que permite e que dá ao aluno autonomia para se expressar no espaço escolar, permite a esse mesmo aluno a se ouvir e aos poucos se reconhecer, como um ser que possui valores, regras e autonomia para viver em sociedade, formando assim cidadãos críticos e participativos.

Pois em todo o processo de aprendizagem, o professor como mediador pode organizar a sua prática pedagógica, considerando as interações que são pontos centrais para tornar os alunos sujeitos capazes de agir e intervir no mundo, em razão de que, quando se considera as interações,

considera-se também o respeito e a valorização de todos aqueles que fazem parte do processo de aprendizagem (LOPES, 2011).

Neste sentido, podemos considerar que a questão de afetividade com os mestres é crucial neste processo, para que os alunos se sintam confiantes, quando precisarem direcionar alguma dúvida aos professores, a fim de construir um ambiente agradável, estimulante, afetivo e rico de conhecimento. “Assim, todo educador [...] deve buscar desenvolver atividades que envolvam os alunos de forma integrada, ou seja, deve orientar sua prática para que desenvolva a expressividade, a emoção, a personalidade e o pensamento criativo” (LOPES, 2011, p.07).

Mas, para isso os professores precisam de constante aprendizado e formações, para que possam conseguir uma participação positiva dos alunos em sala de aula, através de estratégias inovadoras que possa lhe viabilizar o acesso aos alunos, levando em consideração que as gerações vão mudando e os professores precisam ir se adaptando com as novas formas de enxergar o mundo.

Assim, se percebe que pensar sobre a formação de professores é conceber que o professor nunca está acabado e que os estudos teóricos e as pesquisas são fundamentais, no sentido de que é por intermédio desses instrumentos que os professores terão condições de analisar criticamente os contextos históricos, sociais, culturais e organizacionais, nos quais ocorrem as atividades docentes, podendo assim intervir nessa realidade e transformá-la (LOPES, 2011, p.04).

Posto que, a teoria e a prática precisam andar lado a lado, para assim construírem conhecimentos, pois além da prática que é uma condição essencial para lidar com o dia a dia dos alunos, a teoria dará aos professores noções gerais para uma prática cada vez mais assertiva, ampliando a visão de mundo destes mestres que precisam lidar com diferentes gerações no contexto da sala de aula.

Nesta perspectiva, a formação do professor é imprescindível, visto que, como destaca Menin (2017, p. 123) “a formação dos professores, vem para a construção de conhecimentos que serão trabalhados junto aos alunos no espaço escolar [...]. Desenvolvendo assim um processo formativo que primeiro perpassa o corpo docente e depois os envolvidos nesse processo”.

Assim, consideramos que é fundamental investir na formação dos professores, pois além de desenvolver os docentes, tornando-os cada vez mais qualificados em seu trabalho, melhora-se significativamente a qualidade do ensino, pois a formação dá a esses professores ainda mais segurança e confiança para lidar com as dificuldades que tendem a surgir em sala de aula.

Pois como cita Parolin e Caldeira (2007, p.179) o professor como sujeito no processo de ensino é um ser que pensa, sente, tem dúvidas, acerta e erra.

Nessa perspectiva, um trabalho que pretenda formar professores preparados para o enfrentamento dos desafios de ensinar nos novos tempos, tem de passar por conversas, vivências, reflexões, compartilhamentos e análises críticas. Ou seja, necessita formar o professor, além de informar. Isso implica entender que o comportamento de uma pessoa se renova à medida que ele é trabalhado, de forma dialética, em suas emoções e em sua razão.

Visto que, o que determina a prática do professor além dos conhecimentos que ele possui, são suas experiências, construídas e reconstruídas no processo de aprender e ensinar, e “[...] estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vista a construção de uma identidade, que também é uma identidade profissional” (NÓVOA, 2002, p.39).

Pois além de formador o professor também é formando que necessita se inovar para fazer e passar por mudanças no ambiente da escola, componente essencial para o desenvolvimento da comunidade escolar. Assim corroboramos com a fala de Barbosa (2004, p.189):

Ser educador não é tarefa fácil, pois, na prática, exige também ser um educando, não se limitando ao simples ato de repassar conteúdos fechados, mas em uma constante busca do aprender o novo que liberta, partindo da posse dos instrumentos do velho que oprime a fim de superar o sistema de ensino em descompasso com a realidade presente.

Diante disso salientamos que a forma como os mestres lidam com os adolescentes em sala de aula, dependem de uma formação contínua para que as mudanças na prática pedagógica ocorram conforme as mudanças da sociedade. Pois sabemos que a relação professor/aluno, precisa de uma dinamização, que faça com que a produção de saberes ocorra de forma eficaz.

Visto que, conforme relatado por Gutierrez (2003) após realizar um trabalho de formação de professores de adolescentes na secretaria de educação de Guarulhos em 2000, encontram-se professores no meio escolar que possuem uma habilidade impar para trabalhar com adolescentes, conseguindo lidar de uma forma eficaz com os desafios que esse público traz para a sala de aula, cumprindo assim a sua função educativa de uma forma muito habilidosa, mas também existem outros professores que acabam por ter dificuldades em lidar com esse público e o trabalho de educar se torna ainda mais difícil.

Assim acreditamos que a formação para professores de adolescentes é imprescindível, mas não devemos esquecer que a forma como os professores lidam com este público também diz respeito às particularidades subjetivas do educador que contribuem neste processo.

Uma vez que conforme citado por Salen e Moretti (2006, p. 20):

A maioria dos alunos alega que suas expectativas estão em torno de que seus professores expliquem bem, que sejam legais e pacientes e da mesma forma apontam os pontos positivos das aulas – continuem dando boas aulas, sejam amigos, mantenham um bom relacionamento com eles, etc...

Isto significa que além de boas aulas os alunos buscam também ter afeição pelos seus mestres para que o relacionamento professor/aluno comece a ser construído além da construção de conhecimento junto aos seus mestres, os alunos buscam um professor que lhe ofereça também saberes indispensáveis, como respeito, presença, apoio e que o contemple para além do papel de estudante, acolhendo suas angústias, dúvidas... que muitas vezes podem não serem acolhidas no espaço familiar.

Em visto disso, consideramos que os professores devem proporcionar aos alunos

[...] a possibilidade do encontro consigo mesmo, num contexto simultaneamente protegido e aberto, que lhe dê todo o tempo necessário para se ir consolidando como pessoa, sem ter que esconder ou recalcar, ou converter em agressividade descontrolada, as suas fragilidades, dúvidas e descobertas (GUIMARÃES et. al, 2007, p.85-86).

Assim, compreendemos que o professor se mostra como uma figura essencial na educação dos alunos, sejam eles adolescentes ou não, pois é a partir do professor que se articulam os conhecimentos que são vivenciados na escola. E é este mesmo professor que precisa estar preparado para os desafios da sala de aula que lhe exigem segurança para acolher as demandas que tendem a surgir neste contexto que acolhe uma diversificada forma de viver em sociedade.

E assumir essa tarefa irá exigir a este mestre um posicionamento subjetivo, bem como a busca constante de conhecimento sobre diversos assuntos que emergem desse cenário de educar e formar adolescentes para uma vida em sociedade. Portanto a sustentação do lugar do mestre de adolescentes se dará de forma efetiva se estes se comprometerem como uma formação para cada vez mais compreenderem o mundo dos adolescentes, bem como possuir uma postura aberta para a relação professor/aluno que se dará de forma subjetiva entre cada professor e aluno.

Conclusão

Os resultados desta pesquisa nos possibilitaram a reflexão a respeito da importância que tem a sexualidade ser tratada no ambiente escolar, visto que muitas vezes os pais não falam sobre a sexualidade no ambiente familiar e o adolescente em meio a tantas turbulências do período que está vivenciado se vê perdido e sem saber a quem recorrer.

Para tanto analisamos então que neste sentido a escola possui papel fundamental na educação para a sexualidade, pois como muito bem cita Figueiró (2009) “a comunidade escolar, tem de tratar desse assunto para não deixar os jovens na dependência de fontes informais, de pessoas que passam por sua vida, de amigos, dos que leram ou assistiram, ou da própria família (p. 53).

No entanto é necessário que os professores tragam esses assuntos ao contexto da escola para que as crianças, adolescentes e jovens não fiquem refém de informações que podem não lhe ajudar de forma integral a lidar com suas escolhas, dúvidas e preconceitos. Pois, ao dizer sobre sexualidade, estamos nos referindo ao processo de interação humana, que nos leva a diálogos que ativam o ser humano a ter e expressar suas opiniões, percebendo a sexualidade de forma positiva, sem medos, tabus e preconceitos.

E a escola vista como um espaço que possui como principal objetivo “o desenvolvimento do indivíduo como um todo deve ajudar os alunos a fazer as suas escolhas e a compreender as relações entre todos os aspectos que integram a sua educação - pessoais, intelectuais, sociais e éticos” (SAMPAIO, 1987, p.19).

Assim a sexualidade como um aspecto que integra a educação para o desenvolvimento dos indivíduos precisa agregar o currículo escolar, mesmo em meio a tabus e preconceitos que a sociedade vem carregando e transmitindo de gerações para gerações, pois como Sampaio (1987, p.20) cita, “este assunto está totalmente relacionado com “as ideologias pessoais, valores morais, filiações políticas e convicções religiosas, bem como a concepção que cada um tem do que é sexualidade humana”. E como muito bem Figueiró expõe (2007, p.27):

[...] é direito do aluno ter oportunidades para pensar criticamente sobre todo o conjunto de valores e normas morais que a sociedade cria em torno da sexualidade e, a partir daí, poder formar sua própria opinião e estar devidamente preparado para tomar decisões sobre sua vida sexual, com liberdade e responsabilidade. Isto implica num processo de construção da autonomia moral, em que se possibilita, ao aluno, construir seus próprios valores e ser sujeito de sua sexualidade.

Desta forma firmamos aqui de acordo com o estudo que realizamos para esta pesquisa, que a sexualidade pode e deve ser trabalhada no contexto escolar com o fim de repassar informações

e gerar conhecimento para os alunos que deles precisam para constituir-se enquanto sujeitos. Uma vez que tratar da sexualidade no ambiente escolar faz parte dos nossos direitos, descritos na declaração dos direitos humanos e sexuais. Desta forma fazemos pesquisa para defender o valor incomensurável da ciência para a qualidade de vida humana.

Referências

- BANZATO, Denise Salete Gomes; GRANT, Walkíria Helena. Sexualidade em sala de aula: representações em entrevistas de professores. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 17, p. 05-14, 2000.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo** (Tradução Luís Antero Reto). São Paulo, Brasil: Edições, v. 70, 2016.
- BORGES, Livaneide Cavalcanti et. al. **O impacto da gravidez na vida escolar do adolescente**. Universidade do Vale do Paraíba. 2013.
- BRILHANTE, Aline Veras Moraes; CATRIB, Ana Maria Fontenelle. Sexualidade na adolescência. **Femina**, 2011.
- CÉSAR, Maria Rita de Assis. A invenção da “adolescência” no discurso psicopedagógico. **Dissertação** (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas (1998).
- BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente (ECA). Brasília: **Senado Federal**, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.
- FARIAS, Thaiz Maira da Silva; NANTES, E. da S.; AGUIAR, S. M. Fases psicosexuais freudianas. **In: Simpósio Internacional de Educação Sexual**, 4., 2015, Paraná. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2015/698.pdf>
- FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. Diversidade sexual: subsídios para a compreensão e mudança de atitude. **Homossexualidade e Educação Sexual: construindo o respeito à diversidade**. Londrina: UEL, 2007.
- _____. **Educação sexual no dia a dia**. Londrina: Eduel, 218p. 2013.
- _____. **Educação sexual: em busca de mudança**. Londrina: UEL, 2009.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)**. Tradução Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 2016.
- GAGLIOTTO, Giseli Monteiro. **A Educação Sexual na Escola e a Pedagogia da Infância: matrizes institucionais, disposições culturais, potencialidades e perspectivas emancipatórias**. Paco Editorial, 2014.

GARRITANO, Eliana Julia; SADALA, Gloria. O adolescente e a cultura do corpo: uma visão psicanalítica. **Polêm!ca**, v. 9, n. 3, p. 56-64, 2010.

GUIMARÃES, Mesquita; SOBRAL, Francisco; MENEZES, Isabel. Adolescência na escola: o desafio do desenvolvimento integral. Um estudo sobre as opções pedagógicas e organizacionais de uma escola kentenichiana. **Revista Interações**, p. 82p.-109p., 2007.

GUTIERRA, Beatriz Cauduro Cruz. **Adolescência, psicanálise e educação: o mestre “possível” de adolescentes**. São Paulo: Avercamp, p. 125-149, 2003.

ABERASTURY, Arminda; KNOBEI, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre. 1981.

LE BRETON, David. **Uma breve história da adolescência**. Belo Horizonte: Ed. PUC (2017).

LOPES, Rita de Cássia Soares. A relação professor aluno e o processo ensino aprendizagem. **Obtido a**, v. 9, n. 1, p. 1-28, 2011.

MENIN, Franciéle Trichez et al. Sexualidade, adolescência e educação sexual a partir dos quereres e poderes da internet. **Dissertação** (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. 2017.

MIRANDA, Margarete Parreira. **Adolescência na escola: soltar a corda e segurar a ponta**. Belo Horizonte: Formato, 2001.

BRASIL - NACIONAIS, I. A. P. C. **Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental**. Brasília: MEC-Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

NÓVOA, Antonio. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Educa, 2002.

NUNES, César; SILVA, Edna. **Sexualidade(s) adolescente(s): uma abordagem didática das manifestações da sexualidade na adolescência**. Florianópolis: Sophos. 2001.

PAROLIN, Isabel Cristina Hierro; CALDEIRA, Rachel Cherubini Tomedi. Formação de professores: um investimento em autoconhecimento. **Revista Psicopedagogia**, v. 24, n. 74, p. 169-181, 2007.

PEREIRA, Ricardo Marcelo. **A impostura do mestre**. Belo Horizonte:Argvmentvm. 2008.

RIBEIRO, Marcos. **Sexo sem mistérios**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos. 1992.

ROZA. Rosangela da. Diversidade sexual no espaço escolar: concepções, percepções e práticas de adolescentes em escola pública urbana do sudoeste do Paraná. **Dissertação** (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. 2017.

SALEM, Maura Lucia Azevedo et al. **A importância da percepção do aluno adolescente na reflexão da prática docente**. 2006.

SAMPAIO, Maria Manuela Ataíde M. **Escola e educação sexual.** 1987.

SANTOS, Jeaneandrea dos Prazeres; SILVA, Grayce Kelli Barbosa; TAVARES, Carla Valéria Ferreira. **Educação em Sexualidade: Uma abordagem Investigativa.** 2018.

Recebido em 10/05/23 aprovado em 07/07/23